



## As escolas do futuro

### Carlos Fiolhais

PROFESSOR DE FÍSICA NA UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA · RESPONSÁVEL PELOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO,  
CIÊNCIA E INOVAÇÃO DA FFMS

### Carlos Grosso

PROFESSOR DO LICEU PEDRO NUNES · CO-AUTOR DAS METAS  
CURRICULARES DE MATEMÁTICA PARA O ENSINO BÁSICO

Carlos Fiolhais abriu o debate referindo alguns dados da PORDATA e do estudo da Fundação sobre a Europa, designadamente o facto de, entre 1986 e 2010, ter aumentado muito a fracção dos alunos no ensino secundário (de 11 por cento para 20 por cento) e no ensino superior (de 5 por cento para 16 por cento). Apesar disso, só cerca de um terço (35 por cento) da população portuguesa entre os 25 e os 64 tem pelo menos o ensino secundário. A média na União Europeia a 27 países é de 73 por cento e atrás de nós só se encontra Malta. Isto é, na educação melhorámos, mas estamos ainda bastante longe dos padrões europeus, que devemos ambicionar.

Carlos Grosso focou a sua intervenção nos resultados em Matemática obtidos na prova internacional TIMSS-2011. Nessa prova, realizada por alunos do 4.º ano de escolaridade de 65 países, os resultados dos estudantes portugueses subiram relativamente à participação anterior,

que tinha ocorrido 16 anos antes, ou seja, em 1995. Na comunicação social houve muitos ecos dessa melhoria de resultados, sobretudo chamando a atenção para o facto de Portugal ter ultrapassado o desempenho da Alemanha, o que, tratando-se de um país poderoso e central na construção da União Europeia, muito nos deveria orgulhar. No entanto, fazendo uma leitura mais cuidada e completa dos resultados das últimas duas décadas, ele acentuou o facto de, em todas as provas realizadas, os países asiáticos, nomeadamente Singapura, Coreia do Sul, Hong Kong, Taipé e Japão, terem obtido melhores desempenhos que os países europeus. Para além disso, referiu ainda que a diferença entre os níveis alcançados por aqueles países asiáticos e pelos países europeus tem vindo sistematicamente a acentuar-se, afastando-os consideravelmente dos melhores desempenhos europeus, o que parece configurar uma crise na educação escolar europeia.

A classificação dos testes enquadra os resultados em quatro níveis de desempenho previamente definidos e 60 por cento dos alunos portugueses não ultrapassou o segundo nível de desempenho, que corresponde à aplicação de conhecimentos matemáticos elementares a problemas simples, de resposta imediata, enquanto na Coreia do Sul e em Hong Kong apenas 20 por cento dos alunos se ficou por este nível. Todos os países ocidentais colocaram mais de metade dos seus alunos nos dois níveis mais baixos, sendo o menos mau destes indesejáveis resultados obtido pela Inglaterra, com 51 por cento (a Alemanha obteve 63 por cento). Comparando as percentagens de alunos que atingem o nível de desempenho mais elevado, também aqui se verificaram diferenças demasiado significativas, com apenas 8 por cento dos alunos portugueses a alcançarem o nível mais alto de desempenho, contra 43 por cento em Singapura e 39 por cento na Coreia do Sul, ficando novamente a Inglaterra com a melhor posição entre os europeus, apesar de não ultrapassar os 18 por cento (a Alemanha teve 5 por cento). Somos europeus e não asiáticos. Somos educados numa cultura europeia que,

em muitos aspectos, difere da cultura asiática, e é bom que essas diferenças culturais existam. Mas, no mundo globalizado em que vivemos, temos que esforçar-nos por esbater estas diferenças, construindo na Europa, incluindo Portugal, uma escola que seja mais exigente, mais disciplinada e mais diversificada.